

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE METACONTINGÊNCIA
THE DEVELOPMENT OF THE METACONTINGENCY CONCEPT

RICARDO CORRÊA MARTONE
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASIL

JOÃO CLAUDIO TODOROV
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE BRASÍLIA E UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, BRASIL

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o desenvolvimento do conceito de metacontingência. Identificou-se três reformulações subsequentes à idéia primeiramente apresentada por Sigrid Glenn no artigo *Metacontingencies in Walden II*, de 1986: 1) ênfase no processo seletivo do entrelaçamento de muitos operantes e, conseqüentemente, na transmissão de padrões comportamentais através do tempo; 2) a descrição das funções de diferentes efeitos ambientais produzidos pelo entrelaçamento; e 3) diferenciação entre processos de variação e seleção que ocorrem em nível individual (relações de macrocontingência) e processos de variação e seleção que ocorrem em nível cultural (relações de metacontingência).

Palavras-chave: seleção por conseqüências, metacontingência, contingências comportamentais entrelaçadas, produto agregado, macrocontingência.

ABSTRACT

This article describes the development of the concept of metacontingency. Three further complementations of Glenn's original proposal in 1986 are identified: 1) emphasis on the selective process of many interlocking behavioral contingencies and on the transmission of behavior patterns through time; 2) the description of different environment effects produced by a set of interlocking behavior contingencies and 3) a distinction between processes of variation and selection occurring at individual level of analysis (macrocontingencies) and processes of variation and selection occurring at cultural level of analysis (metacontingencies).

Key words: selection by consequence, metacontingency, interlocking behavioral contingencies, aggregated product, macrocontingency.

A publicação do artigo *Selection by Consequences*, em 1981, de B.F. Skinner, despertou aumento do interesse, entre alguns analistas do comportamento, pela investigação das relações entre princípios comportamentais e fenômenos que ocorrem no nível cultural (Biglan, 1995; Guerin, 1994; Lamal, 1991, 1997; Mattaini, 1996; Todorov, 2005a; Todorov, Martone & Moreira, 2005), assim como pela evolução, por intermédio da seleção, de entidades culturais e do comportamento individual (Andery, Micheletto & Sérgio, 1999; Andery, Micheletto & Sérgio, 2005; Glenn & Malott, 2004; Malott & Glenn, 2006).

O presente artigo tem como objetivo demonstrar o desenvolvimento do conceito de metacontingência. O conceito foi inicialmente proposto por Sigrid Glenn em 1986 e, desde então, vem sendo reelaborado no sentido de descrever melhor parte das complexas formas de relações estabelecidas entre um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas e seus efeitos ambientais. Assim, após a leitura de todos os textos da autora que abordam a noção de metacontingências, selecionamos três artigos, subsequentes ao artigo seminal de 1986, que julgamos terem apresentado contribuições significativas para o desenvolvimento do con-

ceito: 1) uma ênfase no processo seletivo do entrelaçamento de muitos operantes e, conseqüentemente, na transmissão de padrões comportamentais através do tempo, reforçando também a idéia de que a unidade de análise pode ser a relação entre o entrelaçamento e o produto agregado (Glenn, 1988); 2) a descrição das funções de diferentes efeitos ambientais produzidos pelo entrelaçamento (Glenn & Malott, 2004); e 3) uma diferenciação entre processos de variação e seleção que ocorrem em nível individual (relações de macrocontingência) e processos de variação e seleção que ocorrem em nível cultural (relações de metacontingência, Malott & Glenn, 2006).

O desenvolvimento do conceito de metacontingência (Glenn, 1986, 1988, 1991, 2004; Glenn & Malott, 2004; Malott & Glenn, 2006) representa tentativa de formular uma estrutura conceitual unificada para a análise do comportamento social, propiciando também possibilidades para o planejamento de práticas culturais e, por conseguinte, de mudança social. Ao tentar descrever parte das complexas relações comportamentais que ocorrem no terceiro nível de variação e seleção, o conceito de metacontingência coloca-nos frente a importantes questões conceituais e metodológicas com implicações diretas sobre a análise de contingências sociais, seja ela experimental ou não. Por exemplo, duas questões intrinsecamente relacionadas, uma conceitual e outra metodológica, são exemplos da importância e pertinência do desenvolvimento de estudos experimentais e descritivos sobre metacontingências: o problema da unidade de análise no nível cultural e, em se tratando de análise experimental, a variável crítica a ser manipulada no sentido de produzir, em condições controladas de laboratório, a seleção de um

entrelaçamento específico de muitos comportamentos ao longo do tempo, desencadeando a transmissão do que Glenn & Malott (2004) denominam de “linhagem cultural”.

O termo “linhagem cultural” deve ser compreendido paralelamente ao termo “linhagem operante”. Malott & Glenn (2006) utilizam “linhagem operante” ao invés de “classe de respostas” para denominar a recorrência de instâncias comportamentais de um organismo individual e os eventos ambientais funcionalmente relacionados a essas instâncias. O termo “linhagem operante” parece realçar ainda mais o sentido, também implícito na noção de “classe de respostas”, de continuidade de instâncias comportamentais em um organismo individual através do tempo. Por outro lado, o termo “linhagem cultural” denomina relações comportamentais mais complexas, pois uma “linhagem cultural” agrega mais do que uma “linhagem operante” de um único indivíduo. Linhagens culturais compreendem contingências operantes entrelaçadas de pelo menos dois indivíduos que produzem, juntas, um produto agregado. Tais contingências são selecionadas pelo seu produto agregado e, assim, perpetuadas ou não através do tempo. Por exemplo, a produção contínua de determinado tipo de automóvel (produto agregado) envolve o entrelaçamento do comportamento de muitos indivíduos – operários, engenheiros, administradores, publicitários, vendedores, etc. Se o entrelaçamento de todos esses comportamentos permanecer estável, então, o carro poderá ser continuamente produzido, originando, assim, a propagação de uma linhagem cultural de produzir aquele tipo de automóvel.

Faz-se necessário, entretanto, que abordemos primeiramente, de maneira breve, o modelo causal de seleção por conseqüências. O pleno

entendimento do desenvolvimento da noção de metacontingência só será possível se observarmos, atentamente, como ocorre a atribuição de causalidade para o Behaviorismo Radical.

O MODELO DE SELEÇÃO POR CONSEQÜÊNCIAS E A DETERMINAÇÃO DO COMPORTAMENTO

O modelo de causalidade assumido pela análise do comportamento foi descrito explicitamente por B.F. Skinner em 1981. Em *Selection by Consequences*, Skinner propôs que tanto características biológicas quanto características comportamentais e culturais evoluem por intermédio dos processos de variação e seleção. Influenciado pelas proposições de Darwin a respeito de como as espécies evoluíram, Skinner cunhou o termo seleção por conseqüências para descrever o processo pelo qual o comportamento é determinado (Andery, 1999). A decorrência direta deste princípio para a formulação do modelo de seleção por conseqüências é clara, uma vez que, para Skinner, os organismos não são imutáveis, mas estão em transformação a todo instante devido à sua relação com o ambiente.

Dois processos fundamentais, implicados no modelo de seleção por conseqüências, são os processos de variação e seleção (Micheletto, 1999). Lembrando sempre que o objeto de estudo para Skinner é o comportamento, variações comportamentais no repertório de um organismo são selecionadas na sua relação com o ambiente, possibilitando, assim, a atuação de contingências seletivas. É por intermédio do processo de seleção por conseqüências que as espécies, os indivíduos e as culturas evoluem. Assim, podemos identificar três níveis de determinação do comportamento: 1) filogenético, estabelece características denominadas

filogenéticas (ou inatas) das espécies; 2) ontogenético, compõe características individuais dos organismos; e 3) cultural, possibilita o surgimento e transmissão de práticas culturais.

O primeiro nível, chamado por Skinner de filogenético, equivale ao processo descrito por Darwin como seleção natural das espécies. Esse processo ocorre quando características biológicas ou comportamentais favoráveis à sobrevivência e/ou reprodução da espécie são selecionadas e transmitidas de geração a geração, por intermédio da dotação genética dos organismos.

O segundo nível, ontogenético, descreve a história de aprendizagem individual do organismo. Nesse nível, variações comportamentais que produzem conseqüências reforçadoras para o indivíduo são selecionadas, aumentando, assim, a probabilidade futura da ocorrência de certas classes de respostas. Por intermédio do condicionamento operante, o meio ambiente modela o repertório de cada indivíduo. Assim, mudanças ambientais podem levar a ajustes comportamentais rápidos, com a aquisição de novas respostas, a extinção de antigas ou o aumento da eficiência de alguns comportamentos. Esse segundo nível de variação e seleção possibilita a descrição do processo de surgimento de características individuais que dão singularidade às respostas de um organismo, possibilitando o estabelecimento de repertórios comportamentais idiossincráticos.

O terceiro nível de seleção por conseqüências descreve as formas pelas quais indivíduos de um grupo aprendem por intermédio de seus pares de gerações atuais ou passadas, produzindo e acumulando conhecimento ao longo de várias gerações de indivíduos. Nesse nível, os entrelaçamentos dos comportamentos de indivíduos e os efeitos produzidos por esses entrelaçamentos sobre o ambiente se tor-

nam também fonte de determinação do comportamento, possibilitando o desenvolvimento de repertórios comportamentais que transcendem o período de vida do próprio indivíduo. Uma unidade de análise, nesse caso, que descreve a relação comportamento-ambiente parece ser a metacontingência.

Se para a Análise do Comportamento o comportamento é determinado pela relação do organismo com o ambiente, parte fundamental do ambiente de uma pessoa é composta por outras pessoas – ou seja, seu ambiente social (Skinner, 1953). O comportamento de uma pessoa pode exercer tanto a função de estímulo discriminativo quanto a função de consequência (estímulos reforçadores ou punitivos) no controle do comportamento de outra, ou mesmo qualquer outra função comportamental.

Skinner (1953) ressaltou que o comportamento social não consiste exclusivamente no controle do comportamento de um indivíduo sobre o outro, mas também, dada a complexidade observada nas relações estabelecidas entre o comportamento de muitas pessoas em relação a um ambiente comum, duas ou mais pessoas podem se organizar de forma a controlar o comportamento de outra(s), originando, assim, uma forma de controle pelo grupo. Um sistema social pode surgir quando o grupo se organiza de forma a controlar eficientemente o comportamento de seus componentes. As agências de controle descritas por Skinner (1953) podem ser tomadas como exemplos desses sistemas sociais.

Fenômenos tradicionalmente abordados pela psicologia social, tais como: facilitação social, comparação social, aprendizagem observacional, atitudes, atribuições sociais, competição, cooperação e obediência social (Guerin, 1994) são originados a partir das interações

estabelecidas entre um conjunto de indivíduos que se comportam, e não a partir de “forças sociais” (Skinner, 1953) ou mesmo de um *Zeitgeist* (Skinner, 1981). Ao contrário, o que determinará o “espírito de uma época”, ou até mesmo o surgimento de uma “força ou lei social”, será a relação existente entre os entrelaçamentos dos comportamentos de indivíduos e os efeitos que tais entrelaçamentos produzem sobre o ambiente social e não social e, ainda, a continuidade, através de várias gerações de indivíduos, desses entrelaçamentos e de seus efeitos. De acordo com Skinner (1981), “é o efeito sobre o grupo, e não as conseqüências reforçadoras aos indivíduos membros do grupo, o responsável pela evolução da cultura” (p.502).

METACONTINGÊNCIAS

O conceito de metacontingência descreve a relação entre um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas e os efeitos causados no ambiente em função de tal entrelaçamento, permitindo, assim, o desenvolvimento de estrutura conceitual que amplia o instrumental teórico da análise do comportamento em direção à mudança cultural.

METACONTINGÊNCIA (1986) – IDENTIFICANDO E DELIMITANDO A UNIDADE DE ANÁLISE

A primeira descrição do conceito de metacontingência feita por Glenn (1986) é a seguinte:

A metacontingência é a unidade de análise que descreve as relações funcionais entre uma classe de operantes, cada operante possuindo suas conseqüências únicas e imediatas, e uma conseqüência de longo prazo comum a todos os operantes

na metacontingência. Metacontingências devem ser mediadas por contingências de reforçamento socialmente arranjadas. (p. 2)

Nota-se que a preocupação da autora, nesse início, é muito mais com a identificação e delimitação da unidade de análise, diferenciando contingências operantes, que possuem suas próprias conseqüências, das relações de contingência estabelecidas entre uma classe de operantes e uma conseqüência de longo prazo. Embora a autora fale em “conseqüência de longo prazo”, deixando subjacente em sua descrição que processos seletivos também ocorreriam em nível diferente daquele observado nas contingências operantes, a ênfase acaba sendo dada ao arranjo de comportamentos que, juntos, produzem algo que não poderia ser alcançado somente com o comportamento de um único indivíduo (ver Figura 1). O exemplo dado pela autora é esclarecedor:

Tome, por exemplo, os diversos comportamentos envolvidos na produção de uma conseqüência de longo prazo associada à redução da poluição atmosférica. Engenheiros devem empenhar-se nos vários operantes que envolvem o planejamento de catalisadores para automóveis; trabalhadores da linha de montagem devem aprender a construí-los e integrá-los aos outros componentes do automóvel; consumidores devem comprar esses carros e abastecê-los com gasolina sem chumbo; trabalhadores de refinarias devem desenvolver e utilizar processos que retirem o chumbo da gasolina. (Glenn, 1986, p. 2-3)

Pode-se observar nessa primeira descrição de metacontingência que eventos comportamentais que podem estar dispersos espacialmente e temporalmente, embora inter-

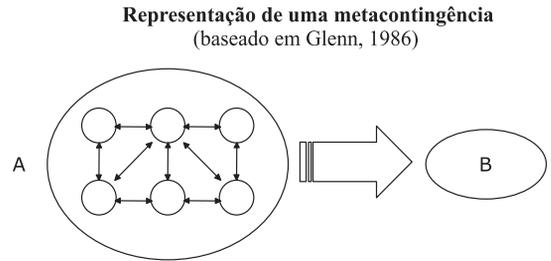


Figura 1. Representação de uma metacontingência e seus componentes, onde contingências comportamentais entrelaçadas (A) produzem um produto agregado (B).

ligados por contingências sociais, produzem efeito específico sobre o ambiente, independentemente de sua repetição ao longo do tempo. O processo seletivo parece estar, nesse caso, em segundo plano, uma vez que o entrelaçamento comportamental ainda não é descrito como uma unidade funcional que se propaga devido às conseqüências que produz.

Essa primeira formulação do conceito estimulou o surgimento de alguns trabalhos descritivos cujo objetivo foi analisar contingências sociais de natureza mais ampla, que envolviam a articulação de milhares de pessoas (ver, por exemplo, Kunkel, 1991; Lamal & Greenspoon, 1992; Rakos, 1991, 1992; Todorov, Moreira & Moreira, 2005). Todorov (2005b) forneceu-nos exemplo da aplicação desta primeira versão do conceito de metacontingências em fenômenos sociais de grande escala, analisando o movimento pela redemocratização do Brasil que possibilitou a mudança de um governo militar para um governo civil nos anos 80. Nesta análise, a conseqüência a longo prazo (produto cultural) seria a saída dos militares e dos políticos diretamente ligados a eles do governo e a passagem do poder a um partido civil. A transição para a democracia ocorreu como o resultado de movimentos sociais que envolveram milhões de pessoas e muitas entidades responsáveis pela organização da sociedade civil. Com

a abertura política, iniciada pelo governo do General Geisel, abandonou-se paulatinamente o uso da força que impunha governos sem legitimidade popular. Todorov sugeriu que as contingências que envolviam o comportamento político começavam a se alterar, tornando possíveis grandes manifestações como o movimento pelas eleições diretas, conhecido como “Diretas Já”, que mobilizou milhões de pessoas em todo país - políticos, artistas, cantores e cidadãos comuns - e amplos setores da sociedade civil organizada – entidades de defesa dos direitos humanos, sindicatos e entidades representantes de classes profissionais. Pode-se notar, na análise realizada por Todorov, que a articulação dos comportamentos de pessoas de vários setores da sociedade teria possibilitado a passagem do poder militar para um poder civil. Todavia, tal articulação não pode ser considerada como unidade funcional que se propaga através do tempo, uma vez que o efeito ambiental produzido por ela (a saída dos militares) ocorreu uma única vez, impossibilitando assim a incidência do processo seletivo sobre a articulação dos vários setores sociais responsáveis pela mudança de poder.

PRIMEIRA COMPLEMENTAÇÃO (1988): ÊNFASE NO PROCESSO SELETIVO DO ENTRELAÇAMENTO DE MUITOS OPERANTES

A ênfase no processo seletivo do entrelaçamento de muitos operantes foi dada em 1988. Glenn (1988) afirma que metacontingência é:

(...) a unidade de análise que circunscreve uma prática cultural, em todas as suas variações, e o efeito agregado de todas as atuais variações. Os efeitos das práticas culturais devem, claro, ser es-

pecificados empiricamente. Por exemplo, o número de crianças que podem ler com um certo nível de proficiência é o resultado das práticas educacionais. A quantidade de leite disponível para se beber é o resultado de práticas de criação e das fábricas de laticínios. O número de crianças nascidas é o resultado das práticas de controle de sexo e nascimento. *A relação funcional entre as práticas culturais e seus produtos retroage às culturas por meio do processo de seleção.* (p. 168, ênfase nossa)

Além do entrelaçamento de contingências operantes, o elemento crítico enfatizado pela autora é a ação seletiva do ambiente externo sobre o entrelaçamento, possibilitando a recorrência da relação entre um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas e seu efeito agregado (ver Figura 2).

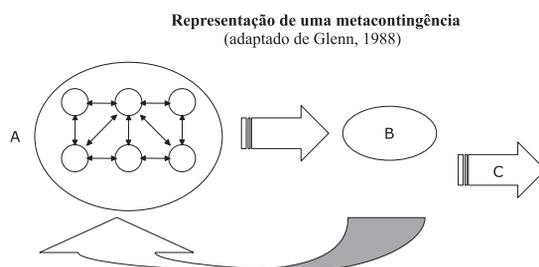


Figura 2. Representação de uma metacontingência e seus componentes, onde contingências comportamentais entrelaçadas (A) produzem um produto agregado (B) selecionador do entrelaçamento, permitindo assim a recorrência deste entrelaçamento (C).

A prática cultural associada à alfabetização é um dos exemplos fornecidos por Glenn (1988). Tal prática envolveria o entrelaçamento dos comportamentos de grande número de pessoas. Muitas delas, entretanto, nunca entraram ou entrarão em contato direto umas com as outras. Para Glenn, o comportamento de cada participante é mantido por contingências individuais, as quais, tomadas em conjunto, constituem a própria prática cultural. Os elemen-

tos constituintes das contingências comportamentais entrelaçadas envolvem o comportamento dos professores que ensinam os alunos a ler, o comportamento dos alunos de ler, o comportamento dos planejadores do material didático utilizado para alfabetização, o comportamento dos dirigentes educacionais e as políticas educacionais planejadas por eles e tantos outros que, quando articulados, produzem determinado índice de crianças alfabetizadas. A recorrência do entrelaçamento do comportamento de todos esses agentes e a sobrevivência da prática cultural dependerá da eficiência da alfabetização (por exemplo, maior número de pessoas alfabetizadas).

SEGUNDA COMPLEMENTAÇÃO (2004): DIFERENTES EFEITOS AMBIENTAIS PRODUZIDOS PELO ENTRELÇAMENTO DE MUITOS OPERANTES

A segunda complementação ao conceito de metacontingência enfatizou as funções de diferentes efeitos ambientais produzidos pelo entrelaçamento de contingências operantes (Glenn & Malott, 2004). As autoras afirmam que:

Metacontingências são relações entre contingências comportamentais entrelaçadas e um ambiente selecionador. Juntamente às contingências comportamentais, metacontingências respondem pela seleção cultural e pela mudança evolucionária em organizações. Em organizações, metacontingências apresentam três componentes: contingências comportamentais entrelaçadas, um produto agregado e um sistema receptor. O sistema receptor é o recipiente do produto agregado, e, assim, funciona como o ambiente selecionador das contingências comportamentais entrelaçadas. As contingências comportamentais entrelaçadas cessarão sua recorrência se não hou-

ver demanda pelos seus produtos. (Glenn & Malott, 2004, p. 100)

O elemento adicionado pelas autoras nesta segunda complementação é o que elas denominam de “sistema receptor” (Glenn & Malott, 2004). Da mesma forma como ocorre com o reforçamento do comportamento individual, o ambiente externo às contingências fornece conseqüências que poderão selecionar ou não o conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas em questão (ver Figura 3).

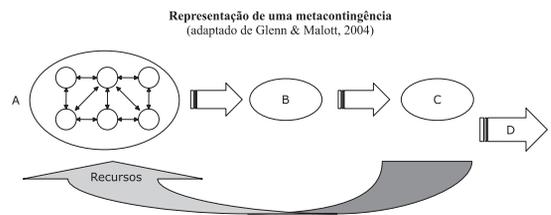


Figura 3. Representação de uma metacontingência e seus componentes, onde contingências comportamentais entrelaçadas (A) produzem um produto agregado (B), seguido pela injeção de recursos vindos de um ambiente selecionador externo (C, sistema receptor) permitindo, assim, a recorrência desse entrelaçamento (D).

Glenn & Malott (2004) descrevem os componentes de uma metacontingência tomando como exemplo um restaurante. O produto agregado das contingências comportamentais entrelaçadas observadas no restaurante seria a comida servida e o sistema receptor os consumidores. O restaurante sobreviverá somente se sua comida e suas características físicas suprirem as exigências necessárias do ambiente selecionador (as pessoas que costumam comer neste restaurante). A comida pode ser modificada caso o ambiente externo ao restaurante se modifique (as preferências dos consumidores ou até mesmo competição com outros restaurantes). Servir refeições é um conjunto de contingências comportamentais entrelaçadas que envolvem o

comportamento de muitas pessoas: o garçom anotar os pedidos dos clientes, o chefe de cozinha dar instruções sobre o preparo da comida, o cozinheiro prepará-la e colocá-la de forma que o garçom possa pegá-la e levá-la até o cliente. Neste caso, os comportamentos dos indivíduos estão relacionados uns aos outros e organizados em contingências comportamentais entrelaçadas. O produto agregado destas contingências é a comida servida. A linhagem cultural em questão pode ser observada quando da continuidade temporal da relação entre 1) o entrelaçamento de todos os comportamentos envolvidos na preparação da comida; 2) o produto agregado, a própria comida; e 3) o comportamento do consumidor (avaliando positivamente a comida servida, frequentando o restaurante).

TERCEIRA COMPLEMENTAÇÃO (2006):

METACONTINGÊNCIAS E MACROCONTINGÊNCIAS

Malott & Glenn (2006) avançaram ainda mais quando diferenciaram processos seletivos que ocorrem em nível individual (relações de macrocontingência) de processos seletivos que ocorrem em nível cultural (relações de metacontingência).

Quando as linhagens operantes de um número de pessoas são suficientemente similares em forma ou produto, tais linhagens podem ser denominadas uma prática cultural. Se o comportamento que constitui uma prática cultural tem um produto que afeta outras pessoas, então, o produto agregado do comportamento pode tornar-se um problema social. (...) A relação entre as linhagens operantes de todas as pessoas que participam da prática cultural e o produto agregado

é uma macrocontingência. Este termo indica uma relação entre o comportamento de muitas pessoas e o produto agregado daquele comportamento. Isto não significa que o produto funcione como uma consequência que mantém o comportamento constituinte da prática. (Malott & Glenn, 2006, p. 37)

Consideremos, por exemplo, uma intervenção cujo objetivo seja alterar as relações comportamentais na seguinte macrocontingência: dirigir alcoolizado produz alto índice de acidentes e mortes (Malott & Glenn, 2006). O comportamento que constitui a prática é dirigir sob a influência do álcool. Tal comportamento, então, transforma-se no alvo de intervenção, pois todo indivíduo que apresentá-lo será afetado pelas ações planejadas para coibi-lo. A consequência comportamental (pesadas multas, por exemplo) poderá ser exatamente a mesma a todos que se engajarem em tal comportamento. Uma vez que um produto agregado (diminuição de acidentes e mortes em uma comunidade) determine o sucesso ou fracasso da intervenção, pode-se considerar tal intervenção como cultural¹. Entretanto, as autoras esclarecem:

Devido ao fato da prática cultural não ser coesa como um todo, mas sim um grupo de comportamentos funcionalmente não relacionados, a seleção da prática não deve ocorrer. Ou seja, o produto agregado de todos os motoristas alcoolizados na comunidade não pode servir como uma consequência funcional para a prática e, mesmo se pudesse, o locus de mudança no comportamento que constitui a prática são as linhagens operantes dos organismos individuais. As linha-

¹ Intervenções, para serem denominadas “culturais”, sempre requerem mudanças no comportamento de mais de uma pessoa. Entretanto, segundo Malott & Glenn (2006), “não é o número de pessoas, cujo comportamento é alvo, que define uma intervenção como cultural ou comportamental, mas sim, se o produto de interesse dos experimentadores (ou de qualquer outro) for o resultado do comportamento de uma ou mais pessoas.” (p. 34-35)

gens individuais de várias pessoas podem ser selecionadas por contingências operantes, mas elas devem ser modificadas uma a uma como o resultado de contingências locais aplicadas sobre o comportamento relevante. (Malott & Glenn, 2006, p. 37)

Nesse caso, o comportamento de motoristas de dirigir sob influência do álcool não pode ser considerado uma unidade funcional única, passível de ser selecionada e propagada como um todo. A prática cultural em questão congrega comportamentos funcionalmente e topograficamente semelhantes que não precisam, necessariamente, estar relacionados uns aos outros. Embora a intervenção apresente caráter cultural, o lócus de mudança ainda é o comportamento individual. Não estaríamos, neste caso, diante de relações que se caracterizem como relações de metacontingência, uma vez que os comportamentos dos indivíduos que compõem a prática não estão entrelaçados (ver Figura 4).

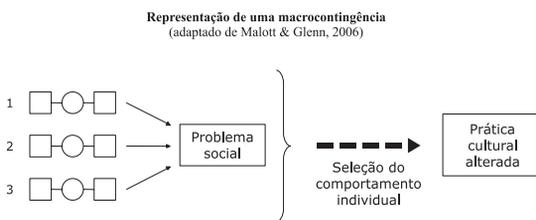


Figura 4. Representação de uma macrocontingência e seus componentes. Os comportamentos dos indivíduos 1, 2 e 3 apresentam topografia e função semelhantes. Tomados em conjunto (uma prática cultural), tais comportamentos produzem o problema social. Após a intervenção cultural (representada pela chave) o comportamento de cada indivíduo é modificado, contribuindo assim para a mudança da prática cultural.

CONCLUSÃO

Analistas do comportamento, interessados na relação entre princípios comportamentais e fenômenos que ocorrem no nível cultural, en-

contram, na noção de metacontingência, instrumental teórico para a descrição de relações comportamentais complexas que envolvem: comportamentos de muitos indivíduos, os resultados ambientais da interação desses indivíduos e a transmissão de padrões comportamentais através do tempo. A identificação das três reformulações propostas desde o artigo seminal de 1986 permite que olhemos para questões culturais com a abrangência que a área exige, pois tais reformulações refletem tentativa de refinar o instrumental teórico da análise do comportamento no sentido de fazer com que essa ciência seja capaz de abranger, descrever e explicar cada vez mais dimensões do complexo ambiente de seres humanos.

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A. (1999). O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 199-208). Santo André: ARBytes.
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (1999). O conceito de metacontingências: Afinal, a velha contingência de reforçamento é suficiente? Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 106-116). Santo André: ARBytes.
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. (2005). A análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, & M. B. Moreira (Org.), *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade* (pp. 129-147). Santo André: ESE Tec.
- Biglan, A. (1995). *Changing cultural practices: A contextualist framework for intervention research*.

- Reno, NV: Context Press.
- Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. *Behavior Analysis and Social Action*, 5, 2-8.
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The Behavior Analyst*, 11, 161-179.
- Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: Relations among behavioral, cultural, and biological evolution. Em P. A. Lamal (Org.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 39-73). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27, 133 - 151.
- Glenn, S. S., & Malott, M. (2004). Complexity and selection: Implications for organizational change. *Behavior and Social Issues*, 13, 89-106.
- Guerin, B. (1994). *Analysing social behavior: Behavior analysis and the social sciences*. Reno, NV: Context Press.
- Kunkel, J. H. (1991) Apathy and irresponsibility in social systems. Em P. A. Lamal (Org.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 219-240). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Lamal, P. A. (1991). Behavioral analysis of societies and cultural practices. Em P. A. Lamal (Org.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 3-12). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Lamal, P. A. (1997). *Cultural contingencies: Behavioral analytic perspectives on cultural practices*. Westport, CT: Praeger.
- Lamal, P. A., & Greenspoon, J. (1992). Congressional metacontingencies. *Behavioral and Social Issues*, 2, 71-81.
- Malott, M., & Glenn, S. S. (2006). Targets of intervention in cultural and behavioral change. *Behavior and Social Issues*, 15, 31-56.
- Mattaini, M. (1996). Envisioning cultural practices. *The Behavior Analyst*, 19, 257-272.
- Micheletto, N. (1999). Variação e seleção: As novas possibilidades de compreensão do comportamento humano. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 117-131). Santo André: ARBytes.
- Rakos, R. (1991) Behavioral analysis of socialism in eastern Europe: A framework for understanding the revolutions of 1989. Em P. A. Lamal (Org.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices* (pp. 87-105). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Rakos, R. (1992) Achieving the just society in the 21st century: What can Skinner contribute? *American Psychologist*, 47, 1499-1506.
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: The Free Press.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Todorov, J. C. (2005a). Law and the complex control of behavior. *Behavior and Social Issues*, 14, 86-91.
- Todorov, J. C. (2005b). A Constituição como metacontingência. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, & M. B. Moreira (Org.), *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade* (pp. 29-35). Santo André: ESETEc.
- Todorov, J. C., Martone, R. C., & Moreira, M. B. (2005). *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade*. Santo André: ESETEc.
- Todorov, J. C., Moreira, M. B. & Moreira, M. (2005). Contingências entrelaçadas e contingências não relacionadas. Em J. C. Todorov, R. C. Martone, & M. B. Moreira (Org.), *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade* (pp. 55-59). Santo André: ESETEc.

Submetido em 7 de abril de 2008

Aceito em 5 de setembro de 2008